



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS-INGLÊS

GUSTAVO DE PAIVA BERNARDINO

**AQUISIÇÃO DE LÍNGUA INGLESA COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA:
UM ESTUDO REALIZADO NA COMUNIDADE UNIVERSITÁRIA DA UEPB EM
GUARABIRA-PARAÍBA**

GUARABIRA
2018

GUSTAVO DE PAIVA BERNARDINO

**AQUISIÇÃO DE LÍNGUA INGLESA COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA:
UM ESTUDO REALIZADO NA COMUNIDADE UNIVERSITÁRIA DA UEPB EM
GUARABIRA-PARAÍBA**

Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura Plena em Letras-Inglês da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduado em Letras/Língua inglesa.

Área de concentração: Linguística Aplicada

Orientador: Prof. Dr. William Sampaio Lima de Sousa

GUARABIRA

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B523a Bernardino, Gustavo de Paiva.
Aquisição de língua inglesa como língua estrangeira:
[manuscrito] : um estudo realizado na comunidade universitária
da UEPB em Guarabira-PB / Gustavo de Paiva Bernardino. -
2018.
37 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades , 2018.
"Orientação : Prof. Dr. William Sampaio Lima de Sousa ,
Coordenação do Curso de Letras Inglês - CEDUC."
1. Língua inglesa. 2. Língua estrangeira. 3. Aprendizagem.
I. Título

21. ed. CDD 372.6521

GUSTAVO DE PAIVA BERNARDINO

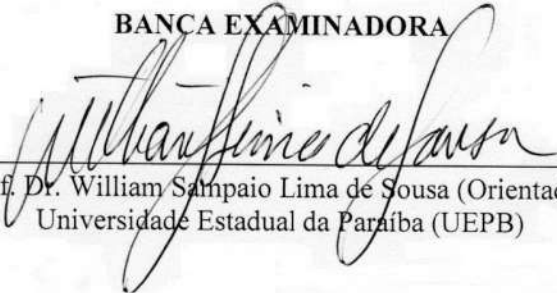
**AQUISIÇÃO DE LÍNGUA INGLESA COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA:
UM ESTUDO REALIZADO NA COMUNIDADE UNIVERSITÁRIA DA UEPB EM
GUARABIRA-PARAÍBA**

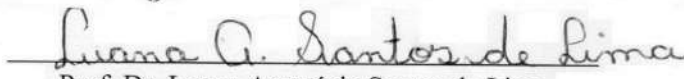
Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura Plena em Letras-Inglês da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduado em Letras/Língua inglesa.

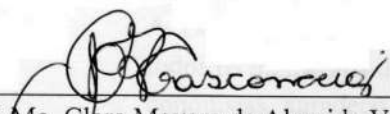
Área de concentração: Linguística Aplicada

Aprovada em: 27/11/2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. William Sampaio Lima de Sousa (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Luana Anastácia Santos de Lima
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A Deus, pela força e graça de me fortalecer em todos os momentos da minha vida, nas percas e nas conquistas, agradeço a paciência do orientador que com tranquilidade fez possível a conclusão dessa monografia, aos meus familiares e amigos, em especial meus pais e minha namorada pelos puxões de orelhas, assim dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Dr. William Sampaio Lima de Sousa pelas orientações e compromisso e também pela paciência durante a construção desse trabalho, e pelas conversas teóricas acerca de língua inglesa e possíveis ideias para um mestrado adiante.

Aos Professores e ex-professores do curso de Letras-Inglês, da Universidade Estadual da Paraíba, em especial Leônidas Jr, Antônio Flávio, Fábio Barbosa, Luiz Henrique, Anacã, Sueli Liebig, Verônica Lima, Eveline Alvares, Auricélio Fernandes, Ana Luiza, Clara Vasconcelos, Isabela Sousa, Benigna Diniz, Luana Lima e demais professores que não foram citados aqui.

Aos meus pais e familiares pelo incentivo e fé em acreditar no meu futuro como futuro educador e pelos conselhos e amor durante os anos de minha vida.

A minha ilustre namorada Raíssa Kayonnara pelo apoio, puxões de orelhas em relação aos prazos, e pelo amor e confiança que depositou em minha pessoa para a conclusão desse trabalho.

Aos meus amigos que sempre me incentivaram a ir mais adiante e pelo companheiro no cotidiano.

Aos meus amigos de curso Kennedy Calixto, Paulo Sostenes, Jacquecilene Alves, Simone Lacerda, Vitória Kaliane, Alice, Jackeline Freitas, Jaefison, e demais colegas que estiveram presentes estes anos durante nossa jornada de aprendizado e de reflexões acerca do ensino de língua inglesa.

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo, investigar o processo de aquisição de língua inglesa como língua estrangeira e se os aprendizes de língua inglesa conseguiram alcançar o nível de fluência no idioma. Para tal, foi aplicado um questionário com perguntas voltadas ao aprendizado de língua inglesa como língua estrangeira e o tempo de envolvimento de cada informante com a língua inglesa, em que tipo de escola se estudou a língua inglesa, se aspectos comunicativos, gramaticais e culturais foram adquiridos, se a metodologia favoreceu ou não o aprendizado, se havia interação entre os alunos e professores no idioma alvo, e se foram trabalhadas as quatro habilidades (Listening, Speaking, Reading, Writing). O trabalho também aborda as teorias de linguagem, e o aprendizado de língua inglesa no contexto de língua estrangeira. Essa é uma pesquisa de natureza bibliográfica e a aplicação do questionário aconteceu na comunidade universitária de Guarabira-Paraíba. Com a finalidade de relacionar a análise a esse processo de aquisição ou de não aquisição da língua inglesa e dos dados coletados no questionário, contamos com o aporte teórico de Krashen (1982), Lennenberg (1967), Hymes (1972;1974), Noam Chomsky (1965), Kramsch (1998), Geoffrey Broughton (1980), entre outros.

Palavras-chave: Língua Inglesa. Língua estrangeira. Aprendizagem.

ABSTRACT

This work has on its goal, to investigate the acquisition process of the English language as a foreign language and whether the English language learners succeed in achieving the fluency level in the language. For this, it was applied a questionnaire with questions related to the English language learning as a foreign language and the involvement of each informant with the English language, what kind of school the English language was studied, whether communicative, grammatical and cultural aspects were acquired, whether the methodology favored or not the learning, whether there was interaction among the students and teachers in the target language, and if the four skills(Listening, Speaking, Reading, Writing) were put into practice. The work also approaches the theories of language, and the English language learning in the context of foreign language. This is a bibliographical research and the appliance of the questionnaire took place at the university community of Guarabira-Paraíba. In order to relate the analyses to this process of acquisition or no acquisition of the English language and the collected data on the questionnaire, we related on theoretical contribution of Krashen (1982), Lennenberg (1967), Hymes (1972;1974), Noam Chomsky (1965), Kramsch (1998), Geoffrey Broughton (1980), among others.

Keywords: English Language. Foreign Language. Learning.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
2	JUSTIFICATIVA	2
2.1	PRIMEIRO CAPÍTULO.....	4
2.1.1	Teorias de aquisição de linguagem	5
2.1.2	Período Crítico nas abordagens de aquisição de linguagem	6
2.1.2.1	SEGUNDO CAPÍTULO	8
2.1.2.1.1	TERCEIRO CAPÍTULO	11
3	METODOLOGIA	25
4	CONCLUSÃO	26
	REFERÊNCIAS	27
	ANEXO 1 – Modelo do questionário aplicado na pesquisa.....	28

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende realizar uma análise do processo de aquisição da linguagem e sua delimitação será dada na aquisição de língua estrangeira, a saber o Inglês por estudantes brasileiros. Esta pesquisa tem como objetivo investigar como os falantes de Inglês como *língua estrangeira* (LE) aprendem o idioma no Brasil, precisamente da comunidade universitária de Guarabira-Paraíba e as dificuldades observadas na aquisição dessa língua nas seguintes perspectivas: gramatical, comunicativa, cultural. Para tal investigação, faremos o uso de um questionário e relatos dos informantes que serão analisados e discutidos adiante nesse trabalho.

No tocante ao processo de aquisição de língua estrangeira na comunidade universitária da cidade de Guarabira, pretendemos uma discussão objetivando entender como ele ocorre e os métodos utilizados no processo de ensino. Tendo em vista a realidade das salas de aula, percebemos a ocorrência do processo de *aprendizagem* da língua estrangeira, no nosso caso o inglês, em detrimento da *aquisição* da língua inglesa. De modo preliminar, isso significa dizer que a aquisição dificilmente irá acontecer em sala de aula, ou, que, possivelmente a mesma não ocorra. Diante dessa problemática, acreditamos que o fenômeno da *aquisição* acontece quando os métodos utilizados são de fácil compreensão para o aprendiz. Com base no exposto acima, visamos observar se alguns alunos conseguem “adquirir” a língua e não somente “aprender” na perspectiva de Krashen (1982).

Mediante ao que foi exposto anteriormente, tomamos como base teórica primária para a execução dessa pesquisa os seguintes teóricos e críticos: Stephen Krashen (1982), precisamente sua obra *Principles and Practice In Second Language Acquisition*. O Autor aborda a temática da aquisição de língua e como esse processo acontece de acordo com sua teoria de aquisição e suas hipóteses acerca do aprendizado de língua estrangeira. No tocante ao período crítico, tomamos por base Lennenberg (1967), e sua obra *Critical Period Hypothesis*. O autor menciona que tal período crítico seja o período sensível que melhor se adquire uma língua estrangeira ou outra língua a que o falante for exposto. No que se diz respeito ao modelo de aquisição gerativista, tomamos por base Noam Chomsky (1965). As contribuições de Hymes (1972;1974), Kramsch (1998) também serão consideradas no desenvolver da pesquisa.

JUSTIFICATIVA

Dada em vista a curiosidade entre acadêmicos e cientistas em saber o que acontece no processo de aquisição de uma língua estrangeira, o tema foi escolhido no intuito de investigar as experiências, vivências, tentativas e êxitos observados em aprendizes de inglês como língua estrangeira. Alguns aprendizes obtiveram êxito, atingindo assim, um favorável nível de fluência. Enquanto outros não obtiveram os mesmos resultados satisfatórios. Até mesmo nos casos em que o aprendiz foi para o país onde a língua alvo era presente como língua oficial, porém não obteve êxito na aquisição do idioma. Diante dessas informações, escolhemos o tema de aquisição de língua inglesa como língua estrangeira, e nessa pesquisa pretendemos a investigação do processo de aquisição, mediante relatos de pessoas que obtiveram êxito na aquisição de inglês como língua estrangeira (LE), quais métodos foram utilizados, quais tipos de materiais, quais os recursos foram utilizados, se adquiriram em sala de aula ou de maneira natural através da exposição ao idioma por meio de diferentes mídias.

A delimitação analítica da pesquisa, se atem na aquisição de inglês como língua estrangeira por nativos brasileiros, e a mesma foi escolhida por ser um assunto pertinente à área de aquisição de língua no Brasil, e assim analisando os relatos através de teorias e métodos abordados pelos estudiosos nessa área. A escolha analítica da pesquisa também se dá pelo fato de que, ao desenvolver uma pesquisa nessa área, podemos enriquecer o quadro de pesquisas na universidade e aumentar o número de trabalhos na área de aquisição de língua estrangeira, trazendo assim conhecimento sobre o processo de aquisição, que por muitas vezes não é conhecido pelos professores em formação na universidade.

As contribuições teóricas foram escolhidas devido a familiaridade que os autores apresentam sobre o tema “aquisição de língua estrangeira” e são de grande importância para a fundamentação teórica da nossa pesquisa. Podemos fazer menção aos estudos de Stephen Krashen (1982), o qual nos fala sobre a diferença entre aquisição e aprendizagem de uma língua estrangeira. Além de Krashen, também abordaremos “o período crítico” citado por Lennenberg (1967), e, também, dialogaremos com as contribuições de Hymes (1972;1974), e Kramsch (1998).

Esta pesquisa trata-se de um exame bibliográfica, desse modo, o material selecionado para desenvolvimento da pesquisa foi selecionado em livros e sites especializados na internet, os quais contribuíram na elaboração da pesquisa. Trata-se de uma pesquisa também de campo, pois iremos entrevistar 10 informantes e fazer uma coleta de dados sobre o êxito ou não no processo de aprendizagem de inglês como língua estrangeira, e mostraremos esses dados em gráficos.

Os textos sobre os dados teóricos foram lidos, fichados e analisados devidamente, e, a partir desses passos preliminares e da formulação da pesquisa, partiu-se para o exame analítico do problema.

O trabalho a seguir se estrutura da seguinte maneira.

- No primeiro capítulo, abordaremos uma discussão teórica sobre a aquisição de linguagem, citando teóricos e oferecendo ao leitor, uma visão geral do que é aquisição da linguagem.
- No segundo capítulo, discutiremos a aquisição de linguagem no contexto de língua estrangeira, e como esse processo acontece.
- No terceiro capítulo, faremos a análise dos dados coletados na pesquisa com informantes que estudam língua inglesa (universitários, alunos de escolas públicas e de cursos de língua).

2.PRIMEIRO CAPÍTULO

2.1 Teorias de aquisição de linguagem

Quando falamos de aquisição de língua, podemos fazer um passeio pelas abordagens teóricas que foram desenvolvidas ao longo do tempo, abordagens essas que veremos mais adiante neste trabalho. Sempre foi de interesse e curiosidade dos cientistas e linguistas saber de que maneira ocorre o processo de aquisição de uma língua por um criança e o desenvolvimento cognitivo da mesma; quais fatores favorecem; se os pais desempenham papel fundamental no desenvolvimento cognitivo; se os pais são pontes para a aquisição de língua durante os primeiros dias da criança; até que faixa etária se dá essa aquisição; quais estruturas linguísticas são disponíveis para as crianças; em que faixa etária a criança vai apresentar um domínio completo da gramática do idioma adquirido, entre outros fatores relacionados a aquisição de língua.

Com o passar do tempo, as pesquisas relacionadas ao estudo de aquisição de língua foram se tornando mais sistemáticas. Nesta perspectiva, houve o princípio da coleta de dados longitudinais, dados esses coletados em um período longo de tempo. O pesquisador fazia visitas as crianças observadas na pesquisa e tomava notas do processo e da produção e interação da criança durante determinado estágio. um exemplo, podemos citar dois nomes que fizeram uso desse tipo de coleta de dados: Chomsky e Piaget, que através desses procedimentos, trouxeram novas perspectivas para a pesquisa de aquisição de linguagem. Mediante essas coletas de dados, observou-se o desenvolvimento cognitivo das crianças e seu respectivo desempenho linguístico. Podemos ver que mais pesquisas foram feitas em relação a produção de determinada estrutura gramatical e nível de compreensão da criança em um estado específico.

Uma das primeiras teorias de aquisição de linguagem está centrada na perspectiva behaviorista, de B.F Skinner (1957). Este pressuposto teórico entende o processo de aquisição como algo passivo, ou seja, imitação da fala adulta pelas crianças. Mediante essa visão, o falante receberia um estímulo positivo para continuar a produzir determinada fala, e caso contrário, quando a produção não fosse sucessiva, receberiam estímulo negativo. Na teoria de Skinner, o ambiente é de fundamental importância para o desenvolvimento linguístico e cognitivo das crianças, acreditando-se que a criança por si

só não era capaz de adquirir uma linguagem e assim necessitando de fatores externos e não internos ou de maneira inata, como veremos em Chomsky. A teoria behaviorista também acredita que a criança quando nasce é uma tabula rasa, desse modo, rejeita a existência de qualquer conhecimento inato, e de acordo com eles, o aprendizado se dá na interação com o meio em que a criança vive.

Ao contrário da teoria behaviorista defendida por Skinner, a teoria gerativista de aquisição de linguagem, teoria esta defendida por Chomsky (1965), aponta que: desde o nascimento a criança é dotada de uma capacidade inata de aquisição de língua, assim a criança possui um dispositivo de aquisição (Language Acquisition Device) para aprender qualquer idioma ao qual a mesma possa ser exposta e conseqüentemente, através desse processo, a criança irá adquirir a Gramática Universal daquele idioma exposto, compreendendo assim regras do idioma em pouco espaço de tempo.

Na Teoria Gerativista, Chomsky acredita que há um dispositivo que seja unicamente para a aquisição de linguagem, exclusivo da espécie humana e que através desse dispositivo altamente criativo, o ser humano é capaz de adquirir e fazer uso da linguagem. De acordo com a mesma teoria, o ser humano é capaz de compreender e produzir sentenças jamais ditas ou ouvidas.

Já no modelo de aquisição adotado por Piaget, “epistemologia genética”, a aquisição acontece de acordo com as condições necessárias para que a criança venha a aprender e que o ambiente e as condições biológicas da criança sejam capazes de garantir uma aquisição. Para Piaget, a aquisição da linguagem acontece no encontro entre o sistema orgânico do ser humano e a vida social. Piaget em suas palavras, nos faz entender que a concepção de linguagem depende da função semiótica, capacidade essa que é adquirida por volta de dois anos, possibilitando assim a identificação de significado e significante.

Todos esses modelos supracitados abordam o processo de aquisição em crianças e em sua língua nativa. Esses modelos teóricos funcionam como ponto de partida para nossa pesquisa, pois iremos observar o processo de aquisição em língua estrangeira.

2.2 Período Crítico nas abordagens de aquisição de linguagem

Na teoria gerativista de aquisição de linguagem, Chomsky faz menção de um período crítico para aquisição de linguagem, primeiramente proposto por Lennenberg (1967). Nesse período crítico, é levado em consideração a idade em que a maturação da aquisição da linguagem começa: a partir dos 2 anos de idade, o seu fim ao longo dos 12 anos de idade, quando é chegada a puberdade e que segundo o autor (Lennenberg), esse período crítico é considerado sensível para aquisição da linguagem.

Tendo em vista o período crítico apresentado por Lennenberg e mencionado por Chomsky, é possível a aquisição de um idioma após o período crítico? Essa discussão é significativa quando tratamos o processo de aquisição/aprendizagem de um idioma como língua estrangeira. Vejamos como Krashen (1982) entende o processo de aquisição/aprendizagem de uma língua. Esta contribuição será significativa para o nosso estudo.

Segundo Krashen (1982), a “hipótese aquisição-aprendizagem”, hipótese esta que segundo o autor, afirma que os adultos apresentam duas maneiras diferentes de desenvolver competências em uma língua estrangeira. Essas duas maneiras estão centradas em dois princípios: aquisição e aprendizagem.

Podemos compreender a aquisição, segundo, (Krashen,1982) como um processo similar ao de uma criança. Ao adquirir habilidade linguística em sua primeira língua, e que a aquisição de linguagem é um processo subconsciente, onde quem adquire uma língua não tem conhecimento de estar adquirindo uma língua. Por essa perspectiva, os estudos anteriormente citados são relevantes para o entendimento da aquisição. Vejamos a seguir o que o autor fala a respeito dessa temática:

O resultado da aquisição de linguagem, aquisição de competência, também é subconsciente. Geralmente não estamos conscientes informados das regras dos idiomas que temos adquirido. Em vez disso, temos um feeling que frases corretamente gramaticais soam adequadas, ou sente-se adequadas, e erros sentimos incorreto, mesmo que não sabemos conscientemente qual regra está sendo violada (KRASHEN 1982 p. 10).

Por esse viés, o processo de aquisição é algo natural e faz com que o aprendiz não pense exageradamente na produção de enunciados. É importante atentar para o índice de correção automático do falante, mesmo sem conhecer os equívocos gramaticais no modo formal.

No que se diz a respeito da aprendizagem, este termo é usado em relação ao aprendiz que tem conhecimento “consciente da” língua estrangeira, uso das regras gramaticais, monitoramento da produção etc. Na “aprendizagem”, temos a aprendizagem formal, que se dá no desenvolvimento do idioma em uma escola, seja ela pública ou privada. Ela ocorre de maneira verbalizada, desse modo, o aprendiz tem total consciência do que está sendo aprendido de maneira *online* e o mesmo também constrói hipóteses de determinado uso de palavras durante o processo de aprendizagem.

De acordo com a hipótese aquisição-aprendizagem (KRASHEN, 1982), afirma-se que os adultos também podem adquirir outros idiomas e que a habilidade de aprender um idioma não desaparece na puberdade, o que nos faz lembrar do “período crítico” na perspectiva gerativista, o qual postula que a aquisição de um idioma se torna difícil e restrita quando se chega a idade de doze anos ou no início da puberdade. Na hipótese defendida por Stephen Krashen, podemos ver que os adultos também são capazes de adquirir ou *aprender* um idioma.

No Brasil, aprendemos Inglês como língua estrangeira. No que concerne ao desenvolvimento das habilidades propostas por Krashen, acreditamos que o processo de “aprendizagem” sobrepuja a “aquisição”, pois quem busca conhecer um novo idioma são, em grande maioria, adultos e o desenvolvimento das competências gramaticais, comunicativas e culturais ocorrem de modo monitorado e não espontâneo.

2. SEGUNDO CAPÍTULO

2.1 Aquisição de língua inglesa no contexto de língua estrangeira

Como descrito no parágrafo anterior, aprendemos no Brasil Inglês como língua estrangeira. Isto implica em uma série de problemáticas/diferenças em relação à aprendizagem de uma língua por uma criança ou de uma língua nativa. De forma genérica, estudamos uma língua estrangeira no Brasil em uma sala de aula, duas horas por semana e não interagimos com ninguém após os estímulos em sala de aula. Estes fatores estão relacionados ao processo de aprendizagem proposto por Krashen (*aprendemos* o formal da língua e de forma monitorada) e não desenvolvemos certas competências essenciais para o processo de utilização da língua.

O desenvolvimento da competência gramatical é uma das deficiências no processo de aprendizagem de língua estrangeira no Brasil. Em comparação ao processo de aprendizagem de uma língua nativa ou por uma criança, este desenvolve a competência gramatical via interação e utilização de frases de modo natural. No que concerne ao aprendiz de língua estrangeira, há um enfoque substancial na forma e não na utilização. As metodologias utilizadas nas escolas preconizam o ato de leitura e não ao processo de interação entre os discentes. Desse modo, o falante de inglês como língua estrangeira é ineficiente em sua produção.

A segunda competência é a comunicativa e pouco desenvolvida por falantes brasileiros. Esta competência sinaliza para o sujeito imerso em uma comunidade falante de uma língua, e, que através das interações com sociedade e outros meios de interação, este sujeito possa desenvolver uma capacidade sociolinguística para interações em diferentes eventos comunicacionais. Em nossa realidade de aprendizagem, conhecemos basicamente o viés formal da língua estrangeira.

Outra competência que o falante deveria adquirir é a competência cultural. Segundo Kramsch (1998), podemos ver que cada língua conserva um aparato simbólico diferenciado. A competência cultural incorpora na língua as crenças de um povo, a maneira em que expressões, gírias, peculiaridades do idioma, ditos, e piadas que são compreendidos na comunidade falante desse idioma. Mais uma vez, o quesito cultural é pouco observado no processo de aprendizagem de língua inglesa no Brasil.

Com base no que foi exposto neste trecho da pesquisa, a realidade brasileira do processo de aprendizagem de língua estrangeira difere dos países nórdicos e dos países europeus que falam inglês como segunda língua. No Brasil, o inglês é adquirido/aprendido como língua estrangeira. Pelo fato de maioria da população não falar inglês, a língua inglesa é recebida como uma língua estrangeira. Segundo Geoffrey Broughton (1980), uma língua estrangeira é aprendida de maneira formal e integrativa.

Na “aprendizagem” de língua inglesa como língua estrangeira no Brasil, o inglês na maioria das vezes nem sempre é visto desde as series iniciais. Os aprendizes de língua inglesa não têm contato diário com o inglês. O ambiente em que o aprendiz de língua inglesa como língua estrangeira está inserido, não oferece um insumo compreensivo para que este venha adquirir o idioma de maneira natural. Pois a comunidade, família, trabalho, e os outros meios da sociedade que cerca o aprendiz, falam a língua materna que é o português brasileiro.

Podemos fazer menção novamente à Chomsky (1965) no que se refere a competência gramatical de uma língua. Segundo o mesmo, a competência gramatical é dada através da exposição de uma criança a qualquer idioma. De acordo com sua teoria, o indivíduo possui um sistema de aquisição de linguagem, e que a criança é capaz de adquirir qualquer idioma a qual ela for exposta. Ao longo da aquisição a competência gramatical acontece de maneira natural. O falante começa a produzir enunciados na língua materna e esses enunciados apresentam uma coerência gramatical. Essa é a perspectiva de aquisição de inglês como língua materna segundo a teoria de Chomsky.

No contexto do inglês como língua estrangeira, na maioria dos casos, nas escolas regulares não se adquire o idioma, mas sim se aprende. Os alunos têm contato com inglês muitas das vezes de maneira superficial, e o insumo durante as aulas na maioria das vezes também acontece em língua materna. As instruções para as interações são ditas em língua materna, e se espera que os alunos interajam na língua algo que estão a aprender.

Na aprendizagem do inglês como língua estrangeira, o aprendiz não desenvolve competência gramatical até mesmo nos tempos verbais mais simples ensinados na disciplina. Podemos citar o verbo *to be*, que grande maioria dos alunos não aprenderam de fato como são utilizadas as formas do verbo *to be*. O discurso é quase sempre o mesmo: “Professor... a gente só viu o verbo *to be*”, e quando se pergunta se aprenderam, a resposta é: não ou mais ou menos.

Apesar de grande maioria não desenvolver competência gramatical, alguns aprendem apenas aspectos gramaticais, porém desenvolver competência comunicativa à maneira como Hymes (1972) descreve é algo distante da realidade dos discentes. Na realidade, o aprendiz de língua inglesa como estrangeira não desenvolve

Segundo Krashen(1982), quando se adquire um idioma, o falante desenvolve a sensibilidade de perceber qual regra gramatical está sendo violada, qual composição estilística é inadequada para um evento comunicacional, ainda que o mesmo não saiba de tais regras de maneira consciente. Assim, podemos ver que o falante quando adquire o idioma de maneira natural desenvolve as competências gramatical e comunicativa.

Na aprendizagem de língua estrangeira, a competência gramatical não é adquirida de maneira natural, como afirma Krashen, o aprendiz vai adquirindo paulatinamente, entretanto, o aspecto formal. De antemão, podemos ver que no inglês como língua estrangeira, o aprendiz não adquire a competência gramática no idioma.

Com base nos pressupostos teóricos mencionados, temos algumas percepções pontuais sobre as dificuldades no processo de aprendizagem de Inglês como língua estrangeira no Brasil. Vejamos os pontos principais.

- 1) Não aprendemos inglês como língua nativa;
- 2) “aprendemos”, não “adquirimos” o idioma (Krashen - hipótese aquisição-aprendizagem);
- 3) Não desenvolvemos competências como: gramatical, comunicativa, cultural.

Mediante esse entendimento, aplicamos um questionário em anexo para discentes de Inglês como língua estrangeira, pois visamos observar se alguns alunos, mesmo com todas essas dificuldades, conseguiram subpujar os desafios e adquirir o idioma e utilizá-lo com desenvoltura. O questionário visa também discutir algumas metodologias que potencializem o aprendizado de modo substancial.

3. TERCEIRO CAPÍTULO

3.1 Análise dos dados coletados

Nessa parte do trabalho, iremos discutir de que maneira o ensino de língua inglesa como língua estrangeira ajudou ou não os informantes entrevistados a obter um nível de fluência no idioma. Neste momento, veremos como os pressupostos teóricos sinalizam para a fragilidade do processo de ensino/aprendizagem da língua inglesa como língua estrangeira no Brasil.

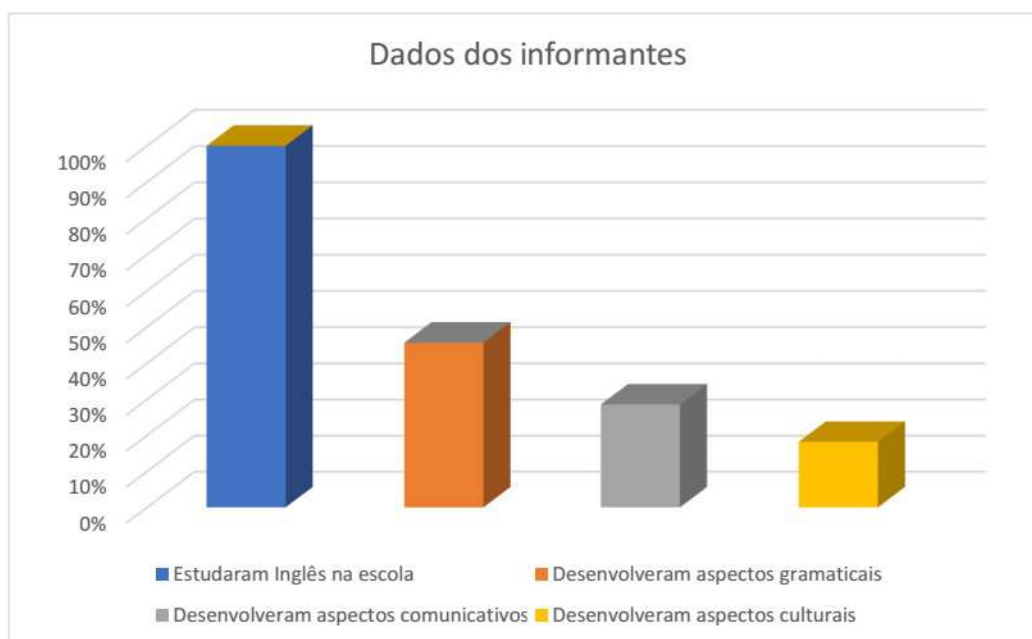
Visando relacionar os conceitos teóricos com dados reais, selecionamos dez informantes com a finalidade de responder um questionário referente ao ensino de língua inglesa. Abaixo, disponibilizamos as perguntas e com base nas respostas, criamos alguns gráficos para visualizarmos os dados levantados e confrontamos com os conceitos teóricos.

Questões respondidas pelos informantes

- 1) Tempo de envolvimento com a língua inglesa;
- 2) Estudou em escola pública ou privada;
- 3) Desenvolveu aspectos gramaticais, comunicativos e culturais;
- 4) Metodologia aplicada favoreceu o processo de aprendizagem ou não;
- 5) Havia interação entre docentes e discentes na língua alvo;
- 6) Como estudante de língua inglesa você é fluente;
- 7) Estudou em alguma escola voltada para o ensino de língua (curso para aprendizagem de um idioma);
- 8) Na escola de idiomas onde estudou, a metodologia adotada favorecia o processo de comunicação entre docentes e discentes;
- 9) As atividades realizadas nas aulas enfocavam o desenvolvimento das quatro habilidades (Listening, Speaking, Reading, Writing);
- 10) Utiliza o idioma em interações no cotidiano;
- 11) Viajou para algum país falante de língua inglesa;
- 12) Fez algum programa de intercâmbio em países falantes da língua inglesa;

Os informantes que se submeteram a responder as questões acima, foram alunos e ex-alunos da cidade de Guarabira- Paraíba, os quais estudaram ou ainda estão estudando no Campus III da UEPB.

Vejamos os gráficos a seguir:



Fonte: Bernardino, P.G(2018) Gráfico 1

Podemos ver no gráfico 1 acima que 100% dos informantes estudaram inglês como língua estrangeira na escola (pública ou privada). Os dados seguintes sinalizam para uma equivalência entre o ensino público e privado da língua inglesa, pois, em ambos, observamos uma aprendizagem diminuta da língua em si. Dos dez entrevistados, apenas 40% dos informantes conseguiram desenvolver aspectos gramaticais. Nesses aspectos gramaticais, podemos mencionar o uso do verbo to be, pronomes, artigos, alguns tempos verbais mais simples, o ing, entre outros aspectos gramaticais.

Aprender determinada regra gramatical não quer dizer que o aprendiz irá utilizar o idioma produzindo sempre frases gramaticalmente corretas nos momentos de interações na sala de aula, entre os alunos ou com os professores. Enquanto o aprendiz traduz mentalmente cada palavra para o idioma alvo, na maioria das vezes, sem que o mesmo perceba, acontece a violação de regras gramaticais, regras essas que para o aprendiz são estranhas, diferentes, pois se trata de uma língua estrangeira, língua essa que causa estranheza em alguns, e curiosidade em outros, sem falar que quando o método utilizado não oferece um insumo compreensivo, isso dificulta ainda mais o processo de aquisição do idioma, e conseqüentemente a aquisição da competência gramatical. Além do mais, a

carga horária de aulas reservadas ao ensino de língua estrangeira é bem menor do que as outras disciplinas.

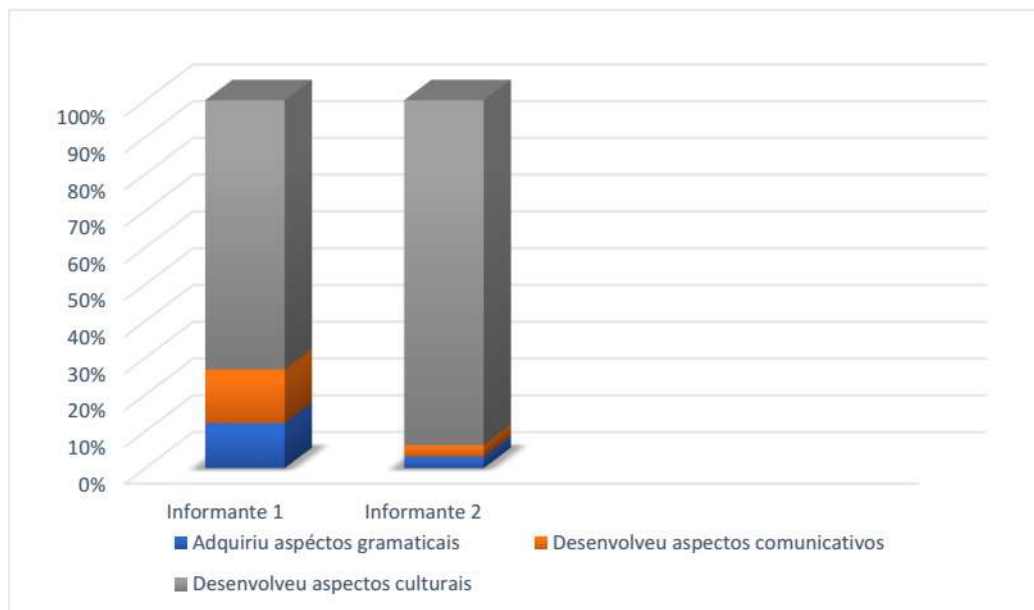
Apenas 20% dos informantes desenvolveram aspectos comunicativos. Aspectos esses dos mais básicos, como: *what's your name? Where are you from?, How are you?*, e linguagem utilizada em sala de aula como: *Good morning, Good afternoon, Good night, may I go to the bathroom?*. Entretanto, alguns desses vocábulos só são usados quando o professor em sala de aula cria esse hábito e mantem a pratica do mesmo todos os dias, fazendo assim com que os alunos automatizem tais vocábulos. Nessa perspectiva podemos falar dos cursos de idiomas que são embasados na teoria behaviorista, de que através do hábito, o aprendiz vai conseguir se comunicar. Assim que o aprendiz consegue usar o código necessário para a comunicação, o mesmo recebe um reforço positivo, e quando o mesmo não obtém êxito, recebe então um reforço negativo.

A respeito da aprendizagem de aspectos culturais, apenas 10% dos informantes conseguiram obter tais aspectos. Refletindo sobre a razão a qual obtemos esse percentual, podemos ver que na sala de aula onde se ensina o inglês, os professores pouco abordam a cultura inglesa, ou americana, e quando abordam é de maneira superficial, levando em consideração a variante que se está estudando. Na maioria das vezes, o professor não acha necessário que os alunos aprendam sobre a cultura do idioma estrangeiro ou, às vezes, o professor também não estuda sobre a cultura do idioma para que possa assim transmitir melhor o conhecimento da língua estrangeira para os alunos. Vejamos o que Geoffrey Broughton (1980) diz a respeito dessa problemática.

Consciente ou inconsciente, ele reflete em seu ensino as crenças que ele tem acerca das necessidades dos aprendizes. Sua maneira de aprender, a melhor metodologia para motivá-los, etc. (BROUGHTON, 1980, p. 38).

Broughton descreve um pensamento de um professor sobre aquilo que deve ser ensinado. Em alguns casos, o professor acredita que os alunos devem aprender certos assuntos ou características da língua a ser ensinada. Mediante esse entendimento, alguns assuntos têm um espaço maior em detrimento de outros. Assim, alguns aspectos

linguísticos ficam em segundo plano. Isso reflete nas respostas acima. Vejamos o gráfico a seguir.

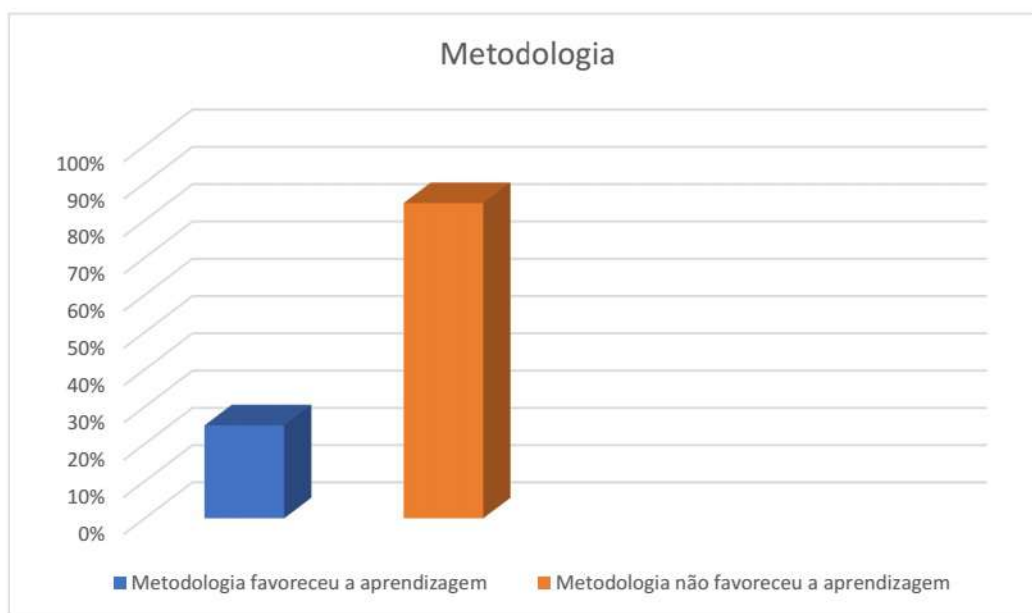


Fonte: Bernardino, P.G(2018) Gráfico 2

Podemos ver acima neste gráfico, um fator significativo, pois informantes conservam aspectos dessemelhantes no que diz respeito aos traços gramaticais, comunicativos e culturais na língua inglesa como língua estrangeira, entretanto, um foi aluno de escola pública e o outro de escola privada. Analisando os questionários aplicados, percebemos que tanto o informante 1 quanto o informante 2 obtiveram quase os mesmos níveis em aspectos culturais na aprendizagem do inglês. Porém nos aspectos gramaticais e comunicativos, o informante 1 obteve um nível maior do que o informante 2. Isso é dado pelo fato de que o informante 1 estudou inglês em escola particular, enquanto que o informante 2 estudou inglês em escola pública. Observando a diferença entre os níveis de aprendizado nos aspectos gramaticais e comunicativos, é notório que os informantes 1 e 2 não obtiveram os mesmos níveis, de maneira suficiente para que assim de fato tivessem domínio nos aspectos gramaticais e comunicativos vistos em sala de aula. O que confirma a nossa hipótese de que o aprendiz de língua inglesa na maioria dos casos, estudando o inglês como língua estrangeira, não aprende e não desenvolve competência gramatical e comunicativa. Diante disso, podemos ver que a metodologia usada em sala de aula no questionário do informante 1 e do informante 2 não facilitaram ou não favoreceram o aprendizado de aspectos gramaticais e comunicativos. A diferença

no percentual das competências acima difere apenas em questão de que informante 1 estudou em escola particular, e informante 2 em escola pública.

No gráfico a seguir iremos ver a porcentagem em relação a metodologia em sala de aula, se a metodologia ajudou no aprendizado da língua estrangeira, ou se não ajudou.



Fonte: Bernardino, P.G(2018) Gráfico 3

De acordo com o gráfico acima, podemos ver que apenas 20% da metodologia usada em sala de aula, favoreceu o processo de aprendizagem. Enquanto que 80% da metodologia usada em sala de aula não favoreceu o aprendizado. Segundo Krashen, para que haja aquisição de um idioma, é necessária que o insumo seja compreensível, ou que também haja algum insumo durante as aulas. Para tal propósito, a escolha de uma metodologia adequada influencia na aprendizagem de uma língua estrangeira.

Não há problema em utilizar o método gramática-tradução, porém, o método deve seguir uma sequência bem programada e adequada para o aprendiz. O método gramática-tradução é mais usado entre adultos, quando comparado aos métodos usados no ensino de língua inglesa para adolescentes. Além da escolha de uma boa metodologia o professor deve ter domínio e treino das disciplinas envolvendo sua área de atuação. Geoffrey Broughton (1980), fala que o professor não necessita apenas da disposição natural de ensinar, mas também de uma formação adequada para tal.

Vejamos o que o autor nos fala a respeito;

Idealmente, no entanto, o profissional professor de língua inglesa não deve ter apenas as próprias qualidades requeridas, mas também treinamento nas disciplinas e nos campos de estudos apropriados para o processo de ensino de língua. (BROUGHTON, 1980, p. 37).

Sobre o que o autor menciona acima, podemos levar em consideração aqui, o uso adequado dos métodos de ensino de língua inglesa que na maioria das vezes não são usados de maneira adequada. Na nossa pesquisa nos ativermos apenas a comunidade de Guarabira. Porém esses dados podem mudar e conseqüentemente seriam diferentes se tivéssemos escolhido outra comunidade para realizar os questionários acerca do aprendizado do inglês como língua estrangeira.

Voltando a figura do gráfico acima, sobre a metodologia que não favorece o aprendizado do idioma em sala de aula, podemos mencionar, que na maioria das vezes, os professores fizeram o uso do método tradicional, o qual consiste basicamente em explicações sobre a gramática do idioma, e pouco insumo, que segundo Krashen(1982), é através do insumo que o aprendiz vai adquirindo o idioma. Para que o insumo favoreça o aprendizado da língua, é necessário que siga os seguintes critérios: O insumo precisa ser compreensível, o bom professor faz uso de realias, flash cards, diferentes exemplos, desenhos, além de utilizar o próprio conhecimento de mundo dos alunos. Além do professor ter a tarefa de oferecer um insumo de maneira compreensiva, o mesmo deve apresentar algo que seja interessante e de relevância ao aprendiz. O que se torna as vezes um desafio a mais a professor, quando nas escolas geralmente se deve seguir a ordem o livro didático. Na escola pública ou particular, dificilmente a seqüência dos assuntos nos livros seguem o mesmo nível de aprendizado das turmas. Muita gramática, pouco insumo, e fora de sala nem todos os alunos procuram estar em contato com o idioma estrangeiro.

Para que o insumo seja sucessivo, não é necessário seguir uma ordem gramática, como é o caso muitas vezes dos livros didáticos nas escolas, os quais seguem uma seqüência gramatical. Dessa maneira, o muito estudo de gramática sem que haja insumo suficiente no idioma alvo a ser estudado são traduzidos em pouca aquisição do idioma.

Refletindo sobre como as metodologias não funcionam como deveriam ser, uma vez que fossem aplicadas corretamente, podemos ver que a razão pelo qual maioria dos alunos que estudam inglês não adquirem ou aprendem o idioma é dada devido à falta de

insumo compreensivo e também de uma metodologia adequada para cada nível que é ensinada a língua estrangeira.

Krashen, em seu trabalho *Principles and Practice In Second Language Acquisition*, fala sobre como alguns métodos violam alguns componentes que são primordiais para que o insumo seja feito de maneira sucessiva nesses métodos. O autor cita como o método gramática-tradução (popularmente difundida nas escolas formais brasileiras) torna mais ansiosos aqueles aprendizes que não apresentam tanto interesse pelo aprendizado do idioma, o que conseqüentemente resulta em uma quantidade inferior de insumo para que haja a aquisição do idioma de maneira natural. Geralmente, nesses métodos de gramática-tradução, o aprendiz está quase sempre violando regras gramaticais do idioma, e quando o aprendiz de maneira consciente consegue identificar esses erros, começa então a estar mais na defensiva evitando assim cometer erros referentes a o uso correto da gramática na formação de frases.

Na aprendizagem, a correção de erros produzidos não ajuda para que haja uma aquisição do idioma de maneira natural. A princípio, boa parte do que se é produzido é seguido de erros gramaticais, e os mesmos erros relacionados a gramática acontece tanto na aquisição de língua materna, quanto na aquisição de língua estrangeira.

No gráfico a seguir, podemos ver o percentual relacionado a interação em sala de



Fonte: Bernardino, P.G.(2018) Gráfico 4

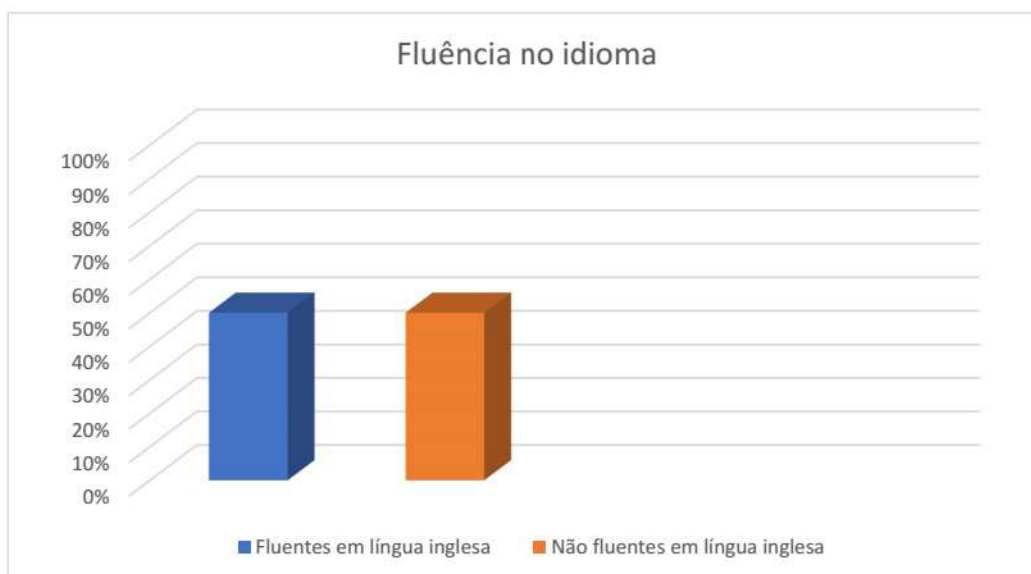
aula utilizando a língua inglesa. Um fator importante quando aprendemos inglês como língua estrangeira, pois não temos muitos interactantes no Brasil.

No tocante a interação em língua inglesa nas salas de aula, apenas 10% dos informantes responderam que havia interação entre docentes e discentes. Enquanto que os outros 90% dos informantes reportaram que não havia interação entre docentes e discentes. Analisando esse percentual dado no gráfico, segundo as informações dos questionários, podemos ver que pouca interação acontece nas salas de aula. O que faz com que maioria dos alunos não apresentem interesse pelo idioma. De acordo com Krashen, a linguagem foi feita para comunicação entre as pessoas, para que haja interação, e se quando se está aprendendo um idioma ou ensinando um idioma, e não há interação, o aprendizado do idioma é comprometido. Devemos mencionar o fato de que a escolha para um método que promova a interação nas salas de aula nem sempre é levada em consideração. No ensino fundamental e médio, a maioria das escolas focam nas habilidades de leitura, na interpretação de textos para as provas bimestrais ou semestrais e também para O ENEM, deixando assim de lado a característica natural de uma língua, que é a comunicação e interação entre as pessoas.

Dessa maneira, o que foi discutido acima é perceptível no gráfico, o que confirma que na aprendizagem de inglês como língua estrangeira, o aprendiz não desenvolve competência comunicativa também devido à falta de insumo compreensivo em sala de aula e também pelo não uso dos métodos adequados para um processo natural de aquisição da língua inglesa. De forma preliminar, podemos destacar que os estudantes de inglês como língua estrangeira é frágil e “impede” o discente no caminho da aprendizagem proficiente da língua inglesa.

Ao entrecortar teoria e dados coletados, podemos observar alguns pontos da realidade do ensino de língua no Brasil. Até o momento, as habilidades linguísticas mínimas não adquiridas pelos alunos, as metodologias não ajudam no processo de aprendizagem e o nível de interação entre os discentes (algo importante na realidade linguística brasileira) não existe. Esses fatores indicam e explicitam o fraco desenvolvimento dos informantes na aquisição da língua inglesa.

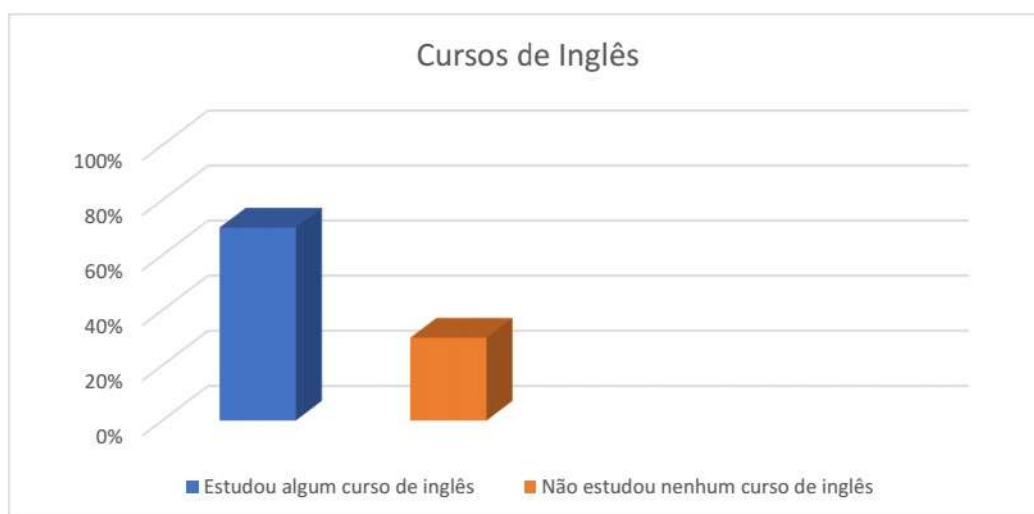
O gráfico a seguir trata da porcentagem dos informantes que adquiriram fluência no idioma.



Fonte: Bernardino, P.G(2018) Gráfico 5

Podemos ver que, 50% dos informantes obtiveram fluência na língua inglesa, enquanto que os demais 50% não conseguiram ainda obter a fluência na língua inglesa. De acordo com as informações dadas por cada informante no questionário, foi possível observar que, alguns alunos, insatisfeitos com o ensino de língua inglesa na escola, procuraram assim um curso voltado para a aprendizagem de língua inglesa, e dessa maneira, apenas 50% dos informantes fizeram curso de inglês em escolas voltadas ao ensino de língua inglesa e conseguiram fluência no idioma.

No gráfico a seguir, veremos a porcentagem referente as informantes que fizeram cursos de inglês.



Fonte: Bernardino, P.G(2018) Gráfico 6

Podemos ver que, 70% dos informantes fizeram cursos de inglês, em escolas voltadas para a aprendizagem de língua inglesa. Enquanto que 30% dos informantes, não atenderam a cursos voltados para a língua inglesa. Olhando o gráfico referente a fluência, podemos ver que 50% dos informantes obtiveram fluência no idioma, dos 70% que fizeram curso de inglês. Por outro lado, 20% dos que fizeram curso de inglês, não obtiveram fluência. 20% dos informantes que fizeram curso e não obtiveram fluência somando com os 30% que não fizeram curso de inglês, temos 50% dos informantes que não obtiveram fluência. De acordo com as informações do gráfico, maioria das pessoas que fizeram cursos de inglês conseguiram atingir fluência no idioma. Porém os níveis de fluência adquiridos pelos informantes variam entre avançado e intermediário. Os informantes que apresentaram um nível avançado de fluência, possuem anos a mais de envolvimento com a língua inglesa comparado com os informantes de nível intermediário. Os falantes que alcançaram níveis avançado de fluência, tiveram mais contato com o idioma e dessa maneira, a aquisição do idioma foi facilitada e de maneira mais natural.

No gráfico a seguir iremos ver se a metodologia usada nas escolas de inglês facilitou o aprendizado da língua.



Fonte: Bernardino, P.G(2018) Gráfico 7

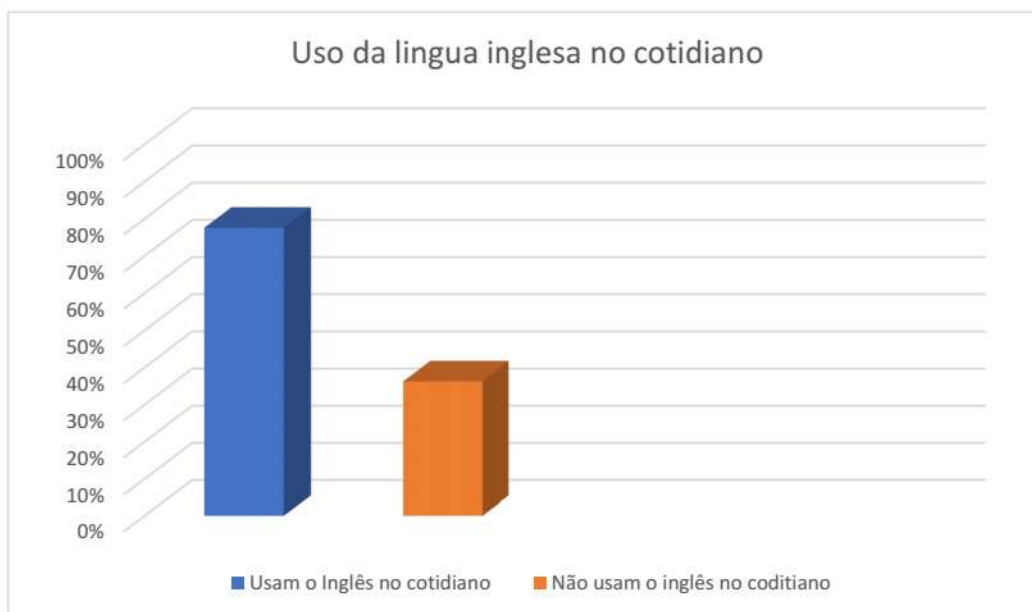
Sobre a metodologia usada nos cursos de inglês, 70% dos informantes que fizeram algum curso de inglês, responderam no questionário que a metodologia usada facilitou a comunicação, não apenas com os docentes, mas também entre os discentes. Essa facilitação da comunicação foi inserida também no cotidiano dos aprendizes. Esse é um fator de destoa da realidade da escola formal, pois, os cursos focam na interação na língua estrangeira.

Enquanto 30% dos informantes que fizeram curso, responderam que a metodologia adotada pelo curso, não favoreceu na comunicação entre docentes e discentes, cursos esses em que o aluno era corrigido quase que o tempo inteiro em termos de uso da gramática, muitos exercícios de repetição, como drills, mimics, entre outros que segundo os próprios informantes afirmaram que a metodologia se tornava tediosa e bastante “chata”. Refletindo sobre o que os 30% dos informantes responderam no questionário, Krashen (1982), em seu trabalho afirma que os melhores métodos são os que trazem insumo compreensivo em situações que baixem a ansiedade dos estudantes, e tais métodos não forçam a produção do idioma, e que naturalmente o que é adquirido vai sendo produzindo sem forçar os falantes a falar, ou correções da produção dos aprendizes.

De acordo com o gráfico acima, 70% dos informantes responderam que a metodologia focava nas quatro habilidades (Listening, Speaking, Reading, Writing). Sendo assim a metodologia usada nas escolas voltadas ao ensino de língua favoreceram a aquisição do idioma.

Alguns desses métodos, utilizam as competências mencionadas por Hymes (1972), as quais através de métodos dedutivos, visam com que os aprendizes desenvolvam essas competências de maneira mais natural, apesar de também apresentarem suas limitações em sala de aula.

No gráfico a seguir, veremos a porcentagem referente ao uso na língua inglesa no cotidiano.



Fonte: Bernardino, P.G(2018) Gráfico 8

Percebesse que, 70% dos informantes usam o inglês no cotidiano, apesar de que apenas 50% dos informantes obtiveram fluência no idioma. Os outros 30% não usam o idioma no cotidiano.

O uso do inglês no cotidiano é dado nas interações de alguns informantes na universidade ou em cursos de língua inglesa, onde os aprendizes precisam usar o inglês nas situações solicitadas pelos professores em que se utiliza o *Communicative Approach* nas atividades.

Fonte: Bernardino, P.G(2018) Gráfico 9

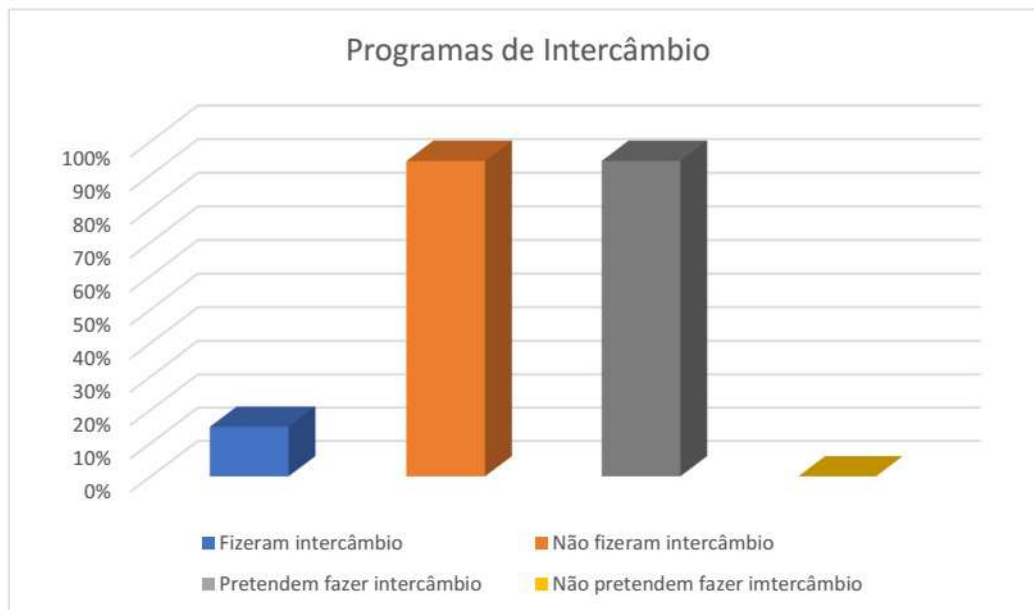


Vejamos os dados do gráfico acima sobre experiências autênticas com o idioma *in loco*. Nele, podemos ver que apenas 10% dos informantes viajaram para algum país falante de língua inglesa. Enquanto que 90% dos informantes não viajaram para nenhum país falante de língua inglesa. A estadia fora do país ajuda muito no processo de aquisição e rompe com o modo de aprendizagem corrente no Brasil, pois, o sujeito estará inserido no ambiente em que se fala o idioma. Nesse ambiente, todas as quatro habilidades serão treinadas ou desenvolvidas diariamente. Assim, o informante viajou para outro país, teve a oportunidade de ouvir o idioma alvo por meses, e desse modo acelerando ainda mais o processo de aquisição do idioma.

Como dito anteriormente, um dos benefícios que obtiveram foi de estar em um ambiente onde apenas a língua inglesa era falada, e, o mesmo precisou usar a língua para se comunicar e interagir com as pessoas em sua volta. Nessa situação, o ambiente se apresenta de maneira favorável para uma aquisição natural do idioma, fazendo com que tais informantes atingissem um nível maior de fluência em comparação daqueles que não viajaram para um país falante de língua inglesa. As competências (gramatical, comunicativa, cultural) são internalizadas de maneira natural sem que o aprendiz perceba que está adquirindo um novo idioma.

No ambiente onde a língua inglesa é falada, o aprendiz também adquire competência comunicativa e através das interações com as pessoas de diferente cultura, também adquirem aspectos culturais voltados aquela comunidade onde a língua inglesa é falada. Além dos cursos voltados para o aprendizado de língua inglesa, uma das estratégias usadas pelas pessoas para aprender um novo idioma, é viajar para um país onde a língua alvo é falada, e assim adquirir o idioma de forma mais rápida.

No gráfico abaixo, podemos ver que, apenas 10% dos informantes responderam que fizeram intercâmbio, com a finalidade de aprimorar o conhecimento sobre a língua inglesa, além de obter mais experiências na língua inglesa, melhorar o currículo profissional e aumentar o nível de fluência no idioma.



Fonte: Bernardino, P.G(2018) Gráfico 10

Ao relacionar os dados coletados e os conceitos teóricos, percebemos as fragilidades do processo de ensino/aprendizagem de língua inglesa no Brasil. Os dados coletados sinalizam para uma série de fatores que devem ser revistos no ensino de língua inglesa. Das respostas, três elementos são significativos.

- 1º) Não desenvolvimento das competências (gramatical, comunicativa e cultural);
- 2º) Metodologias que não permitem o desenvolvimento linguístico dos discentes;
- 3º) Pouca utilização da língua estrangeira pelos alunos.

Estes três elementos acima citados e os pressupostos teóricos utilizados na pesquisa divergem drasticamente. A teoria prescreve um modelo de ensino e os dados coletados apontam outra realidade. Dessa dialética, a tese é a seguinte: os brasileiros que estudam inglês no Brasil dificilmente atingem o grau de fluência.

3 METODOLOGIA

2.1 TIPOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa apresentada acima, é classificada como bibliográfica, e teve como suporte uma pesquisa de campo, realizada na Universidade Estadual da Paraíba, no Campus III.

2.2 OS SUJEITOS QUE FIZERAM PARTE DESSA PESQUISA

Foram entrevistados 10 informantes para responder o questionário em anexo nesse trabalho, os informantes consistem de alunos do curso de Letras-Inglês, e de ex-alunos do mesmo curso. O instrumento para realizar a pesquisa foi o questionário que abordava questões sobre o aprendizado de língua inglesa e o envolvimento dos informantes com a língua inglesa.

2.3 PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

Foram feitas as leituras das obras e fichamento do nosso aporte teórico, o qual foi de suma importância para fundamentar os dados coletados através do questionário e assim mostrar se o resultado coincidiu com o que os teóricos abordaram em suas teorias.

A pesquisa foi realizada no mês de setembro de 2018, onde os informantes de maneira particular foram convocados para responder o questionário. Depois desse processo de coleta de dados, os dados coletados foram inseridos nos gráficos apresentados ao logo desse trabalho representando os aspectos que são apresentados no questionário.

Logo após esse processo, se deu inicio a análise desse trabalho que contextualiza os dados coletados com as teorias abordados e os métodos utilizados no ensino de língua inglesa como língua estrangeira.

4 CONCLUSÃO

Com base na análise dos dados coletados, podemos refletir como se dá o aprendizado de língua inglesa como língua estrangeira aqui no Brasil, precisamente mediante ao que disseram os informantes da cidade de Guarabira. Dessa forma, através das teorias sobre aquisição de língua abordadas nesse trabalho, fizemos a diferenciação entre aprendizagem e aquisição, e como já mencionado nesse trabalho e segundo a hipótese aprendizagem- aquisição de Krashen, o aprendiz de língua inglesa como língua estrangeira, não adquire o idioma, mas na maioria das vezes, esse aprende a língua estrangeira. No ambiente de sala de aula, se foi observado que as metodologias de ensino de língua inglesa em grande maioria, não favoreceram a aquisição do idioma.

Embora 50% dos informantes que se submeteram ao questionário não obtiveram fluência no idioma, ou seja, não adquiram o idioma, os outros 50% dos informantes, conseguiram atingir um nível satisfatório na língua inglesa, podendo assim, se comunicar, e utilizar o idioma no cotidiano para diversos afazeres. Foi observado que maioria dos informantes que cursaram algum curso voltado para a aprendizagem da língua inglesa, adquiram o idioma depois de alguns anos de contato com a língua inglesa. Alguns dos informantes fizeram intercâmbios em países falantes de língua inglesa, o que segundo a teoria de Krashen, facilitou a aquisição do idioma, tornando assim com que o aprendiz e eventualmente falante de língua inglesa pudesse utilizar do idioma de maneira apropriada e havendo assim adquirido uma competência gramatical, comunicativa e cultural.

Já no caso dos informantes que fizeram cursos de idioma voltados para a aprendizagem de língua inglesa e não obtiveram resultados satisfatórios, informaram que a metodologia não ajudou no aprendizado do idioma.

Nesse sentido, analisando todos os dados e resultados obtidos nessa pesquisa, podemos afirmar que, é possível se adquirir o inglês mesmo morando em um país que a língua inglesa não seja utilizada em nosso cotidiano, e que maioria dos alunos que conseguiram obter sucesso na aprendizagem do idioma fizeram cursos voltados para a aprendizagem da língua inglesa, o que facilitou na aprendizagem do idioma, e alguns que não fizeram cursos, conseguiram obter sucesso na aprendizagem do idioma através de intercâmbios ou até mesmo em alguns poucos casos, adquirir o idioma apenas tendo contato com a língua inglesa, e assim confirmando a hipótese aquisição-aprendizagem de Krashen.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aquisição e aprendizagem de línguas estrangeiras: princípios teóricos e conceitos-chave, Disponível em:

<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/viewFile/28385/16869>

A teoria da Imersão/Aquisição, Disponível em:

<https://www.educativaosasco.com.br/a-teoria-da-imersaoaquisicao/>

Chomsky, N.C. (1965) **Aspects of the Theory of Syntax** the Massachusetts Institute of Technology All Rights Reserved, Library of Congress Catalog Card Number: 65-19080 Printed in the United States of America.

Hymes, D.H. (1972). **On Communicative Competence In:** J.B. Pride and J. Holmes (eds) *Sociolinguistics. Selected Readings*. Harmondsworth: Penguin, pp. 269-293. (Part 2).

Lenneberg, E.H. (1967). **Biological foundations of language**. Oxford, England: Wiley.

Kramsch, C. (1998). **Language and culture**. Oxford: Oxford University Press.

Krashen, S. (2003). **Explorations in Language Acquisition and Use**. Disponível em:

<https://www.heinemann.com/shared/onlineresources/e00554/chapter2.pdf>

Krashen, S. (1982). **Principles and Practice in Second Language Acquisition**, First printed edition 1982 by Pergamon Press Inc. Print Edition ISBN 0-08-028628-3, First internet edition July 2009.

(Re)pensando o ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, Disponível em:

<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/viewFile/17601/20009>

Revista Desempenho, **Sobre competência comunicativa**, v. 10, n.1, jun./2009.

Disponível em: www.revistadesempenho.org.br

Ronice Müller de Quadros, Ingrid Finger, **Teorias de Aquisição de Linguagem**, julho 2007.

Stephen Krashen's Theory of Second Language Acquisition, Disponível em:

<https://www.sk.com.br/sk-krash-english.html>

ANEXOS

O questionário abaixo foi utilizado na pesquisa para a coleta de dados que utilizamos na análise do trabalho.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

Centro de Humanidades

Coordenação do Curso de Letras

- Esta pesquisa visa levantar dados para o entendimento da problemática do ensino de inglês como língua estrangeira (EFL). Os dados dos informantes serão mantidos em sigilo.

- Esta pesquisa servirá de base para um trabalho de conclusão de curso.

Informante: _____ Idade: _____

Envolvimento com a língua inglesa (anos): _____

1) Você estudou língua inglesa na escola (pública ou privada)? () sim / () não. Durante este período, aprendeu aspectos gramaticais da língua em questão?

() sim / () não

2) Desenvolveu aspectos comunicativos?

() sim / () não

3) Desenvolveu aspectos culturais?

sim / não

4) A metodologia aplicada no ensino de língua inglesa na escola (pública ou privada) favoreceu o seu processo de aprendizagem? sim / não

5) Havia interação entre discentes e docentes na língua alvo? sim / não

6) Como estudante de inglês como língua estrangeira, você é fluente no idioma? sim / não

7) Você estudou em alguma escola voltada para o ensino de língua (curso para a aprendizagem de um idioma)? sim / não

8) A metodologia adotada nas aulas favorecia o processo de comunicação entre docentes e discentes? sim / não

9) As atividades realizadas nas aulas enfocavam o desenvolvimento das quatro habilidades? (*Speaking, listening, reading, writing*). sim / não

10) Você utiliza o idioma (Língua Inglesa) em interações no cotidiano hoje? sim / não

11) Você viajou para algum país falante da língua inglesa? sim / não

12) Você fez algum programa de intercâmbio em países falantes de língua inglesa? sim / não pretendo fazer / não pretendo fazer.